

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

UNIVERSIDADE DO RECIFE

SERVIÇO DE EXTENSÃO CULTURAL

BOLETIM

NÚMEROS 3-4

JULHO - DEZEMBRO

1962

#### PROBLEMAS ATUAIS

O Nordeste e seus Problemas. Entrevista com o Prof. Pierre Furter, do Liceu do Estado de Zurique, Suíça.

1. A visão que teve do Nordeste corresponde ao modo como o europeu, geralmente, considera esta Região?

NÃO SEI como os europeus consideram "geralmente" o Nordeste, mas imagino, através das leituras que fiz antes de sair da Europa<sup>(\*)</sup>, que ao pensar dos europeus o Nordeste não tem futuro, está condenado, pela sua ecologia, ou ao inobilismo econômico, ou à colonização pelo Sul, ou a uma industrialização forçada que lhe tirará todo o encanto, de que os europeus tanto gostam. Essa imagem, sentinental e triste, quase sempre ligada a uma benevolente referência à obra de Gilberto Freyre, coexiste com um interesse, muitas vezes apaixonado, pelo que a crítica chama o "romance do Nordeste", e por fenômenos ambíguos como o banditismo e o misticismo herético. As obras de José Lins do Rego, de Graciliano Ramos, de Jorge Amado e de Raquel de Queiroz são, quando não lidas, pelo menos conhecidas. O mesmo acontece com essa obra prima ímpar que é Os Sertões, de Euclides da Cunha. Tenho assim, pessoalmente, a impressão de que a visão do europeu sobre o Nordeste é contraditória. No plano da existência cotidiana, quer pela compaixão, quer pela crítica violenta, ou ainda pelo desprezo, nega ele o Nordeste, que por sinal pouco atrai os turistas. No plano da atitude cultural, manifesta uma grande curiosidade, um marcado interesse, um esboço de simpatia.

Após ter tido o privilégio de viver seis semanas, não apenas no Recife mas também nos Estados da Paraíba e do Rio Grande do

---

(\*) P. ex.: Le Brésil Arido, de Aubert de la Ruo, Terros Vivas, de R. Dunont, ou o artigo de J. Duvignaud sobre sociologia brasileira, publicado no último número dos Cahiers Internationaux de Sociologie.

Norte, minha visão é ainda contraditória, tendendo porém para uma unidade complexa e orgânica. Perdeu o brilho dos contrastes para dar lugar a uma compreensão mais matizada, que toma corpo em torno da noção de "momento crucial". Hoje estou mais impressionado com as formas atuais do desenvolvimento para uma vida mais justa do que com os problemas, os dramas, as dificuldades insuperáveis do Nordeste. Darei três exemplos.

No princípio fiquei profundamente impressionado com a minha visita às antigas plantações de cana de açúcar; agora estou preocupado principalmente com o desenvolvimento das cidades do interior, como Caruarú e Campina Grande.

Do ponto de vista pedagógico, lembro sobretudo as realizações de Natal e do Recife, a campanha sistemática de democratização da cultura, pela qual, com recursos locais (tanto financeiros quanto arquiteturais), tenta-se fazer a população responsável pela sua própria cultura.

Do ponto de vista literário, pareço-me que a obra de Graciliano Ramos adquire, cada dia, maior significação, em detrimento da obra de José Lins do Rêgo, que sucumbe sob o peso de uma ultrapassada visão dramática da condição humana. Seria bom, por exemplo, salientar na obra de José Lins do Rêgo sua obsessão pelo círculo, pelo ciclo, pela evolução irremediável, e insistir sobre a importância, em Graciliano Ramos, de uma narração pela qual o homem toma consciência da sua situação e das suas perspectivas.

2. Considera possível ao europeu a compreensão da problemática nordestina?

Minha primeira reação sincera será: não. Por uma razão existencial. O europeu encontra no Nordeste tudo aquilo que nega atualmente. Não somente um passado vetusto, mas sobretudo um presente ao qual ele escapou na Europa, por milagre: a antinomia do campo e da cidade, a fome e o excesso de natalidade, a ampliação patológica das capitais, o peso do analfabetismo, a enorme diferen-

ga, injusta, entre os ricos e os miseráveis, a ausência de conforto e sobretudo a insegurança de amanhã. O europeu, a meu ver, só poderá fechar voluntariamente os olhos, ou negar essas realidades. O Nordeste por sua própria incoerência, contém excessos que o europeu não pode admitir. Com efeito, compreender a situação do Nordeste, significaria, para um europeu, admitir que ele vive na prodigalidade e no esbanjamento, que está ligado a necessidades inúteis. Por isso um europeu procurará sempre uma explicação intertemporal, uma explicação fisiológica ou geográfica para a situação atual do Nordeste.

Paradoxalmente, se não é possível para um europeu compreender o Nordeste, é preciso que ele olhe, que veja essa realidade, que medite sobre ela. Talvez então poderá admitir que certos problemas do Nordeste são apenas a deformação gigantesca de seus próprios problemas. A dificuldade está em que não pode haver compreensão duma outra situação, sem tomada de consciência crítica da própria situação. Num Europa que foge às suas responsabilidades, que está psicologicamente manietada pela angústia da guerra atômica ou do problema de Berlim, não há lugar para a compreensão duma situação como a Nordestina. E no entanto o Brasil, subcontinente, enfrenta os mesmos problemas de federalismo, de comunicação de intercâmbio, de reformulação da democracia, os mesmos problemas do continente europeu. Mais concretamente, alguns problemas são eminentemente comuns: a reformulação do ensino secundário, da Universidade popular (completamente imobilizada desde a última guerra), das relações raciais, a redefinição da noção de "classe", de proletariado, etc.

3. Até que ponto seus contactos com o Nordeste forneceram-lhe elementos úteis a seus cursos de língua e civilização brasileiras?

Para dar uma resposta tão concreta como a pergunta, vou enumerar alguns pontos:

a) O problema da visualização da percepção da paisagem e da

sua variedade. Foi percorrendo a faixa fértil do litoral que compreendi por que Gilberto Freyre tanto insiste sobre a íntima relação entre o plantador e a sua terra. Igualmente uma tradução ou explicação da obra de J.L. de Rêgo dependem, a meu ver, de certas imagens visuais, coloridas, que são os verdadeiros temas da sua obra. Lamento, por exemplo, não ter podido sentir fisiologicamente o valor do sol, a intensidade luminosa no sertão, o também a relação seca-chuva. Quanto à palavra "sertão", cuja tradução me parece tão difícil, somente uma relação direta e indireta permitirá estruturar a compreensão intelectual necessária.

b) O problema do espaço geográfico. Foi no Nordeste que senti, pela primeira vez, a importância, para a crítica literária, de uma localização no espaço e sobretudo das dimensões do espaço. As gerações românticas do Maranhão, por exemplo, uma figura como Souza-Andrade, devem ser compreendidas também em função do meio complexo do qual surgiram.

c) Do ponto de vista linguístico, eu me formei em Lisboa. Meu português é estritamente luso. Havia o perigo de se lhe opor um "brasileiro", de acentuar uma diferença que não existe. Nôsse sentido o contacto com o falar do Nordeste, com a sua mistura de arcaísmos e de neologismos, sua pronúncia fortemente nasal, a ligação íntima entre certos gestos tradicionais e certas expressões, êsse contacto foi essencial. A obra de Ariano Suassuna, por exemplo, seria incompreensível sem êsse conhecimento elementar.

d) Meus contactos com a nova geração literária, universitária e estudantil foram importantes para sentir que a oposição entre um derrotismo dramático e um cinismo cosmopolita deveria ser ultrapassada, pois há bases para uma evolução mais dialéctica da realidade nordestina.

e) Quero marcar bem os limites do meu conhecimento do Nordeste.

Eu sei agora em que pontos devo prolongar os meus esforços e a minha reflexão, e em que pontos posso suscitar, nos meus alunos, in

investigações e pesquisas pessoais. Minha estadia me dá o privilégio de não ter mais uma imagem fixa do Nordeste, mas diversas perspectivas que se abrem para um futuro, no próprio nível do meu ensino.

4. Qual a sua opinião acêrca do papel que a Universidade desempenha, presentemente, no Nordeste?

Na minha opinião a Universidade tem uma dupla função contraditória. Por um lado ela leva os estudantes a racionalizar sua situação sem enfrentá-la. Como o demonstram a hipertrofia das faculdades de direito ou de filosofia, a atitude verbal e muitas vezes escolástica dos estudantes, a formação universitária "forma" intelectuais e muito pouco trabalhadores intelectuais. Estranhei menos o nível médio dos estudos que a maneira artificial, bizantina e literária de colocar os problemas. Citei o desperdício esmagador de conceitos: nunca ouvi tantos neologismos, tantas distinções inúteis, incompreensíveis e também falsas, como no Nordeste. Às vezes, a compreensão de um conceito parece completamente dissolvida na sua extensão. Há uma impaciência que me parece incompatível com uma reflexão séria, uma mistura de vivacidade e de displicência que talvez não seja o melhor método universitário.

Por outro lado, o rápido desenvolvimento da Universidade brasileira, durante a última década, é necessário para tornar positiva a impaciência da nova geração. Já foi expressa a necessidade de dotar a "inflação universitária", a fim de melhor orientar o ensino; mas um brusco freio poderia provocar reações violentas de ressentimento entre os estudantes. Por isso é da maior urgência encontrar na organização, na administração, nas instituições universitárias, os meios de refletir sem deixar de agir. Não reside a fraqueza da universidade brasileira antes de tudo numa burocracia pletórica que absorve os esforços de renovação sem transmiti-los? Tenho por vezes a impressão de uma verdadeira sabotagem administrativa, sabotagem inconsciente, que paralisa as melhores iniciativas.

Finalmente, as dificuldades pedagógicas do ensino universitário não proviriam de uma formação secundária insuficiente, medíocre e esclerosada dos estudantes? Parece que a Universidade deve dar, ao mesmo tempo, um ensino acadêmico e uma formação secundária. A idéia do SEC de preparar os secundaristas através de cursos de metodologia, de realidade brasileira, de iniciação ao meio universitário, é uma idéia excelente. Aliás isso fica provado pelos resultados do último curso "propedêutico".

5. Que diz de sua experiência em contacto com o SEC?

Desejaria aproveitar esta oportunidade para agradecer a toda a equipe do SEC, ao Prof. Paulo Freire em particular, a inestimável ajuda que tão generosamente me deu. Com efeito é muito útil e precioso para um estrangeiro encontrar um serviço como o SEC que lhe evita certos erros psicológicos, hesitações e nervosismo inúteis, e sobretudo uma caminhada ao léu pela inensidão dos problemas. Toma assim a tradicional hospitalidade nordestina uma forma intelectual e cultural que poderá servir a toda a comunidade.

Por outro lado, notei o empenho do SEC no sentido de introduzir-me noutras universidades nordestinas, quando grande é a tentação, para o Recife, de monopolizar os estrangeiros, aumentando assim o abismo entre o estrangeiro e o Nordeste. Só lamento não ter tido bastante tempo para realizar todos os projetos. Essa vontade de intercâmbio e de colaboração é tanto mais simpática para mim quanto estou acostumado, na Suíça, com um meio universitário completamente retalhado pelo orgulho regional.

Certamente é difícil julgar o trabalho do SEC por uma estadia tão breve. Farei então algumas observações, de passagem:

a) Vantagem preciosa é o trabalho em equipe que salvaguarda os temperamentos e as atitudes de cada um, numa mesma direção. Reflito assim o SEC uma situação, com suas contradições e sua diversidade.

b) Lamentaria talvez que as condições locais não possibilitas-

sem muito o trabalho de pequenos grupos, de seminários, que o SEC estivesse ainda reduzido a "dar cursos" e não constituísse ainda um local de trabalho. Seria útil se houvesse além dos cursos a possibilidade de outras formas de atividades coletivas, como a convergência, o colóquio pessoal.

c) Um estrangeiro gostaria de encontrar um centro de documentação, uma sala de leitura de revistas, documentos, etc.

d) Por outro lado, perguntaria até que ponto conhece o SEC a massa estudiantil, seus interesses, sua situação espiritual e material, suas condições de vida. Estranhei a ausência de inquéritos sociológicos ou psicológicos sobre o meio universitário, enquanto as necessidades da escola primária ou secundária foram cuidadosamente estudadas. Só as idéias, a forma e a estrutura do SEC me parecem excelentes, sua implantação no meio universitário deixa ainda muito a desejar, sobretudo por falta de informações.

6. Em que medida o SEC pode contribuir para o intercâmbio cultural com a Europa e, notadamente, a Suíça?

Falarei inicialmente sobre a informação. Os brasileiros deveriam se convencer da dificuldade atualmente existente de encontrar, na Suíça por exemplo, boa documentação sobre qualquer problema brasileiro, sem falar no Nordeste. Essa ignorância crassa é muitas vezes, a consequência de dificuldades insuperáveis para a obtenção de material didático, de dados bibliográficos, de informações precisas. O SEC poderia ser utilíssimo como órgão de transmissão.

Igualmente seria o SEC bem indicado para orientar o estrangeiro na preparação de sua viagem ao Brasil. Muitos intelectuais passam pelo Recife sem se deter, por ignorarem a própria realidade do Nordeste, ou por se terem dirigido a fontes menos boas.

Finalmente, o SEC tem uma dupla função de intérprete. Existe hoje, nos meios universitários suíços, um movimento interessante de ajuda técnica e cultural aos países do Terceiro Mundo. Frequentemente, porém as necessidades reais, ignoradas, são imaginadas. o



aquela assistência envereda desde o início por um paternalismo por-  
riginoso. Ao SEC cabe, pois, interpretar para o estrangeiro as necessa-  
ridades brasileiras. Inversamente, deve o SEC interpretar a contri-  
bução europeia, na qual ainda creio, de maneira a ajudar o intelo-  
ctual estrangeiro a atingir indiretamente a realidade, por exemplo,  
do Nordeste.

\*\*\*

Pierre Furter, nascido na Suíça francesa em 1931, começou seus estu-  
dos em Neuchâtel, concluindo-os na Universidade de Lausanne (Licen-  
ciado em letras e em ciências pedagógicas) e na Universidade de Lis-  
boa (diploma superior de estudos portugueses). Prepara atualmente  
uma tese de doutorado em filosofia da educação, sobre "A vida moral  
da adolescência". É professor de francês do Liceu de Zurique. En-  
sina português no mesmo liceu e literatura luso-brasileira na Esco-  
la de Intérpretes. É correspondente de diversas revistas literárias  
e filosóficas e colaborador regular de jornais parisienses e da Suí-  
ça francesa. Veio ao Brasil, a convite do Ministério das Relações  
Exteriores, para realizar estudos dentro de sua especialidade.